



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL

LUCAS BARBOSA PAVEGLIO

PROCESSOS DE MONTAÇÃO IDENTITÁRIA:
encontros e desencontros configurando as identidades de RuPaul

CERRO LARGO

2019

LUCAS BARBOSA PAVEGLIO

PROCESSOS DE MONTAÇÃO IDENTITÁRIA:

encontros e desencontros configurando as identidades de RuPaul

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do grau em
Licenciatura Letras – Português e Espanhol da
Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientadora: Profa. Dra. Ana Beatriz Ferreira Dias

**CERRO LARGO
2019**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Paveglio, Lucas Barbosa
PROCESSOS DE MONTAÇÃO INDENTITÁRIA: encontros e
desencontros configurando as identidades de RuPaul /
Lucas Barbosa Paveglio. -- 2019.
40 f.:il.

Orientadora: Dr^a Ana Beatriz Ferreira Dias.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Letras-Português e Espanhol-Licenciatura, Cerro Largo,
RS , 2019.

1. RuPaul. 2. Drag queen. 3. Bakhtin. 4. Alteridade.
5. Signo ideológico. I. Dias, Ana Beatriz Ferreira,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Titulo.

LUCAS BARBOSA PAVÉGLIO

PROCESSOS DE MONTAÇÃO IDENTITÁRIA: encontros e desencontros
configurando a identidade de RuPaul

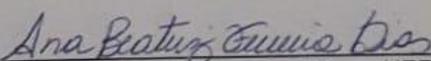
Trabalho de conclusão do curso de
graduação apresentado como requisito para
obtenção do grau de Licenciado em Letras:
Português e Espanhol da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

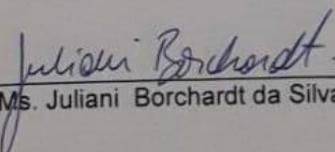
Orientadora: Dra. Ana Beatriz Ferreira Dias

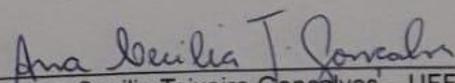
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

28 / 06 / 2019

BANCA EXAMINADORA


Dra. Ana Beatriz Ferreira Dias – UFFS
(Presidente/Orientador)


Ms. Juliani Borchardt da Silva – UFFS


Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves – UFFS

Agradecimentos

À professora Ana Beatriz Ferreira Dias, minha orientadora, por ter guiado meus passos, me incentivado e pela sua dedicação. Serei eternamente grato por ter me orientado, que em meio a tantas adversidades me rondando ofereceu sua ajuda, comprometendo-se com meu trabalho, tornando-se uma agente transformadora em minha vida. Minha eterna gratidão!

Ao professor Demétrio Alves Paz, coordenador do curso e professor da área de literatura, que foi um ser fundamental para o meu crescimento e no processo de amadurecimento no decorrer do curso, resultando no acadêmico que me tornei e isso consequentemente refletiu nessa pesquisa. Muito obrigado!

À prenda mais linda, Lucia, que foi meu ombro, meu alicerce. Por ter me acolhido em sua casa todas as vezes que precisei e por me confortar todas as vezes que o mundo parecia se voltar contra mim. Tu me alegras e me impulsionas a ser alguém melhor. Forever and ever, Sabo!

Ao meu irmão Vinicius, que está sempre ao meu lado, independente das ocasiões e circunstâncias. É a pessoa que posso conversar sobre tudo e é também minha base, minha família. Obrigado pelo coração incrível que tens e por todas as coisas que fizestes por mim, sem nunca me negar nada. Sem ti não teria chegado até aqui. Lukita agradece do fundo do coração. Te amo, irmão!

À minha “pessoa” Valdelândia, por ser uma colega incrível e ter me ajudado inúmeras vezes sem medir esforços. Lutou comigo várias vezes, sempre ao meu lado me dando apoio e forças para não desistir. Sou muito grato por ter você em minha vida.

Aos meus pais que, mesmo em meio a muitas dificuldades sempre encontraram um jeito de me ajudar e fazer com que eu não parasse de estudar. Obrigado por toda ajuda e por não desistirem de mim, por me aceitarem por ser quem eu sou e me defenderem de todos os olhares ruins e carregados de preconceitos. Amo vocês!

MERCI BEAUCOUP!

**"Se você não
consegue amar
a si mesma,
como vai amar
outra pessoa?
Posso ouvir
um amém
aqui?"**

RuPaul



Fonte: <https://rupaulbrs.blogspot.com/2019/05/se-voce-nao-consegue-amar-si-mesma-como.html>

RESUMO

Esta pesquisa procura identificar as vozes que constituem a identidade de RuPaul, que é *drag queen*, tornou-se conhecida nos anos 1990, é ator, cantor, escritor, e enquanto *drag* é apresentadora de um *reality show* estadunidense, *RuPaul's Drag Race*. Será exibida toda a caminhada histórica da artista drag até a contemporaneidade, bem como as lutas, movimentos que impulsionaram diversas conquistas, assim como o nascimento da comunidade LGBT, que está em constante crescimento. Também nesse mesmo item será explanado como a *drag queen* se apresenta como gênero social. Na pesquisa é abordada a palavra e porque ela é signo ideológico, que quando em posta na interação eu e outro altera suas identidades a partir de uma escuta responsiva. É apresentada as análises, que terão como o *corpus* os trechos escritos e imagem, ambos extraídos do livro de RuPaul, Arrase!. As análises buscam identificar por meio de vozes outras como se constitui a identidade de RuPaul, como ele responde a essas palavras, quem é o outro para ele, e quem é ele para o outro. Esses encontros nem sempre são presenciais, físicos; o outro nem sempre é uma pessoa com a qual se interage diretamente. Todo o trabalho é embasado pela perspectiva bakhtiniana, que contempla questões da constituição da identidade, alteridade, dialogismo, ambiguidade, carnavalização e compreende outros aspectos que se dão pela interação social.

Palavras-chave: RuPaul. *Drag queen*. Bakhtin. Alteridade. Signo ideológico.

RESUMEN

Esta investigación busca identificar las voces que constituyen la identidad de RuPaul, que es drag queen, se hizo conocida en la década de 1990, es un actor, cantante, escritor, y mientras que arrastra es anfitrión de un reality show americano, RuPaul's Drag Race. Mostrará todo el recorrido histórico del artista arrastrando a la contemporaneidad, así como las luchas, movimientos que han impulsado muchos logros, así como el nacimiento de la comunidad LGBT, que está en constante crecimiento. También en este mismo artículo se explicará cómo la drag queen se presenta como un género social. En la investigación se aborda la palabra y debido a que es un signo ideológico, que cuando se pone en interacción, yo y el otro cambiamos sus identidades a partir de una escucha receptiva. Se presentan los análisis, que tendrán como corpus los extractos escritos y la imagen, ambos extraídos del libro de RuPaul, Arrase! Los análisis buscan identificar por medio de otras voces cómo se constituye la identidad de RuPaul, cómo responde a esas palabras, quién es el otro para él y quién es para el otro. Estas reuniones no siempre son cara a cara, físicas; el otro no es siempre una persona con quien uno interactúa directamente. Todo el trabajo se basa en la perspectiva de Bakhtin, que contempla cuestiones de constitución de identidad, alteridad, dialogismo, ambigüedad, carnavalización y otros aspectos que se dan por la interacción social.

Palabras clave: RuPaul. *Drag queen*. Bakhtin. Alteridad. Signo ideológico.

SUMÁRIO

1 COLANDO A SOBRANCELHA E PASSANDO A BASE.....	09
2 RESGATE HISTÓRICO CULTURAL DA DRAG: IDENTIDADE SOCIAL.....	12
3 PALAVRA COMO SIGNO IDEOLÓGICO.....	19
4 ARRASE!.....	22
4.1 Encontro de Palavras: relação entre a palavra do eu e do outro, lugares de encontro e desencontro.....	22
4.2 De um sujeito plural: das vozes que mais me constituíram.....	27
4.3 Revoluções: um corpo ambivalente.....	33
5 AQUENDANDO.....	37
6 REFERENCIAS.....	39

1 COLANDO A SOBRANCELHA E PASSANDO A BASE¹

Não seja inseguro
se o seu coração é puro.
Lady Gaga

A face feminina sempre foi minha força e meu ponto fraco. Desde criança, fui tomando gosto por comportamentos e costumes femininos, desde o balançar de um cabelo a um simples cruzar de pernas. Roupas, sapatos, maquiagem, cabelos, foram ganhando um olhar diferenciado por mim, conforme crescia e era constituído como um sujeito social. Uma vez que eu, como um sujeito ativo na sociedade, cada vez mais me descobria e era alterado pelo outro. Isso me agradava, me identificava. Objetos que me interessavam, discursos que me moldavam, vozes que me multiplicavam. Cada vez mais esses encontros iam constituindo o meu eu. Antes de me descobrir e me aceitar como gay, eu tinha muito medo do que as pessoas poderiam falar sobre mim, os julgamentos e o preconceito. Agora, quase uma década depois, sinto-me seguro, não temo os olhares e julgamentos preconceituosos. Levo, assim minha vida da forma que eu gosto.

Sou um sujeito forte, e isso aprendi com alguém que conheci em 2008 pela *internet* e em 2012 pessoalmente, Lady Gaga. Pode parecer muito estranho, mas quase todos nós temos algum ídolo, o meu é ela. Uma pessoa forte, destemida, corajosa, luta pelo que deseja e sem falar que é uma pessoa que não se encaixa no que é convencional segundo os costumes tradicionais da sociedade. Identifico-me muito com isso. A Gaga surgiu bem na fase da minha aceitação, suas músicas e os seus discursos foram muito importantes para mim, me transmitiam coisas boas e uma força muito grande, até hoje é assim, isso diz muito sobre mim.

Bakhtin diz que somos alterados pelo outro, nos constituímos a partir da interação com o outro. Nesses encontros com o outro, eu vou me alterar. Podemos aceitar, confrontar, responder os discursos que nos rodeiam, afinal somos sujeitos ativos dialogicamente falando. Quando me deparo com comentários do tipo: “pode ser gay, mas não uma mulher”, “pode até ficar com homens, mas seja discreto”, “pode

A palavra *montação* trazida no título dessa pesquisa remete ao processo de *montação*, construção da *drag queen*, momento em que ela está na transição do homem para a *persona drag*, sendo assim trouxe ela como sinônimo para a palavra *constituição*, pois se trata da constituição da identidade de um sujeito.

¹ Assim como a introdução de um trabalho, colar a sobancelha e passar a base é parte do ritual inicial de uma *montação de drag queen*.

trabalhar na minha loja, mas não quero que se vista muito feminino”. Eu não sou a pessoa que fica quieta para esse tipo de situações e, como diria Ney Matogrosso² (1978): “Eu sou uma pessoa que tem emoção e sensibilidade e me orgulho de não ter que escondê-la. Eu manifesto. Agora, se dentro dos padrões isso é feminino, caguei.”

Segundo os estudos *Queer* de Judith Butler, e por uma série de correntes dos estudos linguísticos, vemos que sempre estamos sendo constituídos, crescendo, aprendendo, ressignificando-nos, descobrindo novos eus nas vozes dos outros, e essa constituição não tem fim, pois sempre vai estar em um constante funcionamento.

Diante da minha condição, dos meus gostos, dos meus encantos por esse universo feminino, um dos meus prazeres é *RuPaul’s Drag Race*. É um reality show estadunidense que atualmente passa no canal VH1³. O programa é idealizado e apresentado por uma das *drag queens* de maior destaque em nível de mundo, RuPaul. O reality busca em suas *queens* carisma, singularidade, coragem e talento, para assim suceder ao título de *American Next Drag Superstar*⁴.

Com isso, nada mais interessante do que eu poder misturar duas coisas de que eu gosto, a cultura *drag* e a linguística. Mas você pode estar se perguntando o que algo sobre *drag queen* pode ser estudado sob a luz dos estudos linguísticos? Ao ser questionado do que se tratava minha pesquisa, eu me deparava com duas reações bem opostas. Uma delas era a reação positiva, o lado legal e diferenciado de trazer algo novo a ser estudado. A outra era em tons de surpresa e indignação, o que tem a ver *drag queen* com os conteúdos estudados no Curso de Letras? No início, eu nem sabia o que responder, mas agora com segurança posso dizer que muitas coisas podem ser estudadas e pesquisadas.

Assumi o risco e não desisti da temática *drag* ser o ponto de partida do meu trabalho de conclusão de curso. Pois bem, eu digo que as análises aqui realizadas vão muito além do que a simples coincidência de que os escorpianos Bakhtin e RuPaul nasceram no mesmo dia, além disso nada mais aqui é coincidência, são muitas teorias e estudos. Vamos lá gat@s!

² Citado por Trevisan (2000, p.209).

³ O canal VH1 é um canal de televisão por assinatura estadunidense, criado em 1985, cujo propósito inicial era ofertar aos telespectadores vídeos musicais. Com o passar do tempo, além de exibir videoclipes, o canal começou a produzir realitys shows, sendo o de maior sucesso, *RuPaul’s Drag Race*.

⁴ O título de “*American Next Drag Superstar*” é equivalente ao “*Miss Universo*” da cultura *drag*. Já seu nome possui cunho intertextual com outro reality show norte-americano, o “*America’s Next Top Model*”, apresentado pela modelo internacional Tyra Banks.

O objeto de análise é um guia para a felicidade, a liberdade e a busca por estilo. **Arrase!** é o livro da *drag queen* RuPaul. É um guia para o sucesso pessoal e profissional a partir da visão divertida de RuPaul. São dicas de estilo, beleza e atitude para todos os gêneros e orientações sexuais.

Com base nos materiais de análise, que são enunciados de RuPaul no seu livro, busco compreender encontros e desencontros do eu do outro, identificando como eles configuraram a identidade de RuPaul por meio da alteridade. Em outras palavras, analiso como se constituiu a identidade de RuPaul por meio das interações com o outro. Em uma leitura possível, busco compreender as vozes que constituem a identidade de RuPaul. Para desenvolver essa análise, selecionei trechos do livro e uma imagem, enquanto materialidades de estudos que são aqui compreendidos pela ótica dos estudos bakhtinianos como por exemplo a questão da alteridade, que é o modo como a identidade do sujeito é constituída por meio do outro. Outras questões teóricas de cunho social e histórico-cultural, de outros autores, são abordadas nessa pesquisa.

Nessa perspectiva, será muito interessante como sujeito social poder analisar a obra de uma *drag queen*, sendo capaz de reconhecer materialidades do mundo na análise, em sua obra e relacionando as teorias as quais fundamentam o trabalho.

A pesquisa está dividida em três seções: primeiro um resgate histórico-cultural da *drag queen*, a diferenciação entre *drag queens*, transsexuais e travestis, o que é muito relevante ser abordado, pois é confuso para muitos. A segunda seção se detém no referencial teórico, que aborda a palavra como signo ideológico. E, então, a terceira seção é destinada a três análises. As duas primeiras são fragmentos de texto e a terceira uma imagem, ambos extraídos do livro de RuPaul.

O desenvolvimento dessa pesquisa não foi nada fácil, senti como se fosse uma corrida *drag* em busca do título de graduando no Curso de Letras. Todas as vezes que abria meu arquivo para dar vida a ele, quase sempre de peruca ou com algum adereço fazendo alusão ao mundo *drag*, ressoava em minha cabeça as palavras de RuPaul, enunciadas em todos os episódios do seu *reality show*: “Cavalheiros, liguem seus motores, e que a melhor mulher vença! [...] E lembre-se, não f*da com tudo!”

Nessa pesquisa, em diversos momentos você irá se deparar com pronomes femininos e masculinos se referindo a RuPaul, explico que isso não é um problema. "Você pode me chamar de ele. Você pode me chamar de ela. Você pode me chamar de Regis e Kathie Lee. Eu não ligo! Desde que você me chame."

2 RESGATE HISTÓRICO E CULTURAL DA *DRAG QUEEN*: IDENTIDADE SOCIAL

Nós somos iguais.
Nós caminhamos nossos dois pés na mesma terra.
E nós estamos nisso juntos.
Lady Gaga

Para que possamos compreender a arte *drag* contemporânea, precisamos fazer um breve resgate histórico no que tange ao artístico e ao cultural presentes na história da humanidade. A abordagem histórica é de suma importância para o trabalho, é por meio de questões históricas que conseguimos compreender os fatos presentes. É importante traçar uma linha histórica sobre o nascimento e desenvolvimento do que hoje chamamos de artista *drag*, fazendo um rastreamento e contextualização de sua jornada blasfematória no percurso histórico pela arte dos atores transformistas.

A datar de seu advento até a sua contemporaneidade, a *drag queen* é percebida, de modo geral, pela sua capacidade “camaleão”, pois tende a se adaptar e se transformar diante das situações e da época vivida, desde a sua estética ao seu papel e características performáticas. Mesmo que os tempos tenham mudado, podemos afirmar que ela nunca perdeu a principal essência, a grande arte do estranhamento.

O teatro ininterruptamente fez parte da história da humanidade e, através dele, o homem expressa sentimentos, descreve contos e louva os mais diversos deuses. Como ponto de partida para essa contextualização, Amanajás (2014, p.05) afirma que temos os primeiros indícios desse fenômeno nas manifestações culturais da Grécia Antiga, lugar considerado o berço do ator, onde diversos rituais eram feitos em louvor aos deuses e neles apenas ao homem era permitido atuar, já que as mulheres não eram consideradas cidadãs. Desse modo, os homens usavam grandes máscaras para encenar e, às vezes, faziam o uso de vestimentas femininas também. Isso não era exclusividade dos gregos: esse processo ocorria em outros povoados onde a mulher também não tinha a oportunidade de se apresentar diante do público, mesmo de um seletivo grupo. Assim, por muito tempo, os homens se montavam como personagens femininas para fins religiosos e de entretenimento. É interessante pensar que uma situação de exclusão tenha como consequência o aparecimento da cultura *drag*.

BAKER (1994 apud AMANAJÁS, 2014, p. 05) explica que, no início, as *drag queens* se exibiam de acordo com duas colocações distintas:

A primeira é a característica secular, ou seja, aquela drag que se manifesta em rituais de forma pagã, exercendo a função satírica de blasfemar e dar voz ao indizível perante a sociedade, a personagem que muito se assemelha ao bufão. A outra forma diz respeito a sua característica sagrada, aquela que teria a responsabilidade de viver as personagens trágicas na Grécia, que pertenceriam a uma narrativa. BAKER (1994 apud AMANAJÁS, 2014, p. 05).

Em meados de 1100 d.C., a igreja trouxe pequenas encenações para atrair mais fiéis, pois passava por um momento delicado, a perda de fiéis. As pequenas encenações eram sobre histórias bíblicas, a fim de proporcionar melhor entendimento das mensagens que eram passadas. O núcleo de atores continuava sendo composto por homens, pois as mulheres não eram permitidas em funções relacionadas à igreja. Os jovens se incumbiam de fazer os papéis de anjos e os papéis como o de Maria e outras mulheres que aparecem nas histórias bíblicas. Mais tarde, o teatro se divorcia da igreja e lança voo, expandindo o seu repertório e os locais de apresentação, mas a mulher continuava apenas como espectadora.

Assim, o teatro entrou em estagnação, estendendo-se da Idade Média até o século XVI. Nessa época, o teatro Elizabetano, por meio das figuras de dramaturgos, como William Shakespeare, deu ênfase ao ressurgimento das *drags* através de seus personagens femininos escritos por ele: “eram interpretados por jovens adolescentes homens - meninos entre dez e treze anos” (AMANAJÁS, 2014, p. 09).

Especula-se também que Shakespeare, ao conceber suas personagens femininas, ao rodapé da página em que descrevia tal papel, marcava-o com a sigla DRAG, *dressed as girl* (vestido como menina, em tradução livre), para sinalizar que aquela personagem seria interpretada por um homem (AMANAJÁS, 2014, p. 10).

Com base nos apontamentos de Amanajás (2014), paralelamente, nessa mesma época, existem ocorrências de que, no Oriente, a arte *drag* também vinha sendo apresentada. Homens travestidos de mulheres apresentavam danças e outras expressões de arte. Foi no Japão que o transformismo ganhou mais força e contou também com o apoio por parte do povo que não via mal algum em homens expressarem os sentimentos das mulheres e suas formas de maneira cênica. Portanto, isso foi de grande valia para a arte naquele período e lugar.

No Oriente a arte do estranhamento ganhava força e, no Ocidente, as companhias de teatro eram cada vez maiores e conquistavam mais público e espaço.

Porém, logo após fazer muito sucesso e expandir grandiosamente, a Inglaterra, em 1653, passou por um período de recomposição denominado Protetorado e os governantes vigentes na época decretaram o fechamento dos teatros. Com isso, muitos artistas, que ainda eram apenas homens, tiveram de procurar por outros empregos ou se aposentaram. Duas décadas, depois o rei Carlos II tomou posse do trono e deu a vida novamente aos teatros.

As mulheres puderam subir aos palcos e desempenhar os seus papéis. Isso ocorreu por conta da irritação do rei Carlos II, que não tolerava mais que homens adultos desempenhassem papéis de belas damas. Com isso, foi uma vitória para as mulheres, mas para os homens foi um paradoxo, pois os homens que atuavam como personagens femininos ficaram sem seus papéis e a função se tornou obsoleta.

Os artistas transformistas ficaram um tempo sem dar as caras aos palcos, mas, aos poucos, foram ressurgindo com apresentações diferenciadas, como danças, pequenas interpretações e caracterização de figuras conhecidas da época. Foi nesse instante, então, que as *drags* ressurgiram como *crossdressers*, descritas por Amanajás como:

Homens vestidos de mulher em suas mais luxuosas roupas da moda (aqui inicia-se a concepção da vestimenta como moda nos parâmetros dos dias de hoje, pois, na era Elizabetana, o código de vestimenta era relacionado ao status social e ao gênero) passeavam pelas ruas da França, Itália e Inglaterra e, pela primeira vez, a *drag queen* começou a se relacionar com o que é o homem homossexual (AMANAJÁS, 2014, p. 11).

A *drag*, no entanto, passou a assumir uma postura de dama pantomímica (AMANAJÁS, 2014, p. 13), uma personagem que despertava ao mesmo tempo a identificação do público a respeito de temas cotidianos, bem como o distanciamento por conta do aspecto “grotesco e exagerado” do ator, algo característico da performance parodística:

A *drag* propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas. O que faz pode ser compreendido como uma paródia de gênero: ela imita e exagera, aproxima-se, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia (LOURO, 2013, p. 87-88).

A dama pantomímica continuou a sua arte até meados dos anos 1940 e 1950. Sua arte era respeitada e aceita, assim como todos os demais comediantes da época. Suas apresentações tinham características do *clown*, de comédia *stand up*, e algumas também cantavam.

A arte *drag* ganhou reconhecimento e espaço, como nunca se havia visto, isso tudo graças ao movimento LGBTQI+(Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, + engloba todas as outras letras que fazem parte da sigla) que nasceu na época e lutou, desde então, pelos seus direitos, reconhecimento e respeito. A luta que deu um pontapé inicial no movimento LGBTQI+ foi a famosa rebelião de *Stonewall*, como pode ser vista na obra *Stonewall: Breaking Out In The Fight For Gay Rights* (2015), escrita por Ann Bausun.

Essa rebelião foi marcada por uma série de manifestações violentas e espontâneas de membros da comunidade LGBTQI+ contra uma invasão da polícia de Nova York que aconteceu no início da manhã do dia 28 de junho de 1969, cinquenta anos atrás. A rebelião ganha esse nome, pois a invasão da polícia citada anteriormente refere-se à invasão ao bar *Stonewall Inn*, localizado em Manhattan, Nova York, nos estados Unidos. Esse conflito é amplamente considerado como o evento mais importante que levou o movimento de libertação gay e à luta pelos direitos LGBTQI+. Tanto que o dia 28 de junho é tido como o Dia Internacional do Orgulho Gay.

A comunidade LGBTQI+ na cidade de Nova York, por exemplo, estava se movimentando e expandindo com muita dificuldade, mas foi ganhando força com o tempo. Bailes eram realizados em clubes e bares, onde a comunidade gay e simpatizantes sentiam-se livres para poder brilhar ao seu modo nas noites. Mesmo sem muitas condições financeiras, os frequentadores dos bailes faziam o que podiam. Na simplicidade e com muito carisma, eles desfilavam, dançavam passos de *vogue*⁵, cantavam e dublavam. Eram noites para brilhar. Era permitido ser quem você quisesse ser, ou poder ser você mesmo sem ser discriminado.

Com o passar dos anos, décadas, o artista *drag* foi mudando conforme mudanças socioculturais. No mundo, a arte *drag* foi alcançando proporções inimagináveis, de modo que, na América do Norte, por exemplo, surge um dos principais nomes da cultura drag da atualidade no mundo: RuPaul. Ele iniciou como músico e diretor em Atlanta, Geórgia, durante os anos 1980, fazendo suas próprias

⁵ *Vogue* ou *voguing* é uma dança moderna altamente estilizada que se caracteriza por posições típicas de modelos com movimentos corporais definidos por linhas e poses. Originalmente popularizada na década de 1980 graças as festas chamadas *Ballrooms* ou *Balls* e clubes gays do centro dos Estados Unidos, ganhou fama quando foi apresentada pela cantora Madonna em 1990 em canção de mesmo nome. Também graças ao documentário *Paris Is Burning*(1990).

produções e participando de filmes, cantando junto de outros nomes da época. RuPaul foi construindo a sua carreira.

Em um desses momentos, ele teve a oportunidade de se montar e, então, foi aclamado pelo público. Desde então, sua carreira como *drag queen* decolou. Seguiu realizando shows em bares e fazendo apresentações com outras personalidades que apoiavam a sua bravura no campo *drag*. RuPaul alcançou fama mundial, participou inclusive de diversas séries televisivas, filmes, curta metragens, participações em músicas, teve seu próprio programa de tv, produziu diversos álbuns musicais e atualmente comanda o *reality show* de sucesso *RuPaul's Drag Race*, que também alcançou um nível extraordinário de audiência e inúmeros fãs pelo mundo todo. Podemos dizer que RuPaul foi uma das grandes e mais fortes personalidades dentro da cultura *drag*, impulsionando também o surgimento de novas *drags queens*.

Com o movimento LGBTQI+ se tornando a cada dia mais forte, as *drag queens* têm mais segurança e confiança em se aventurar por debaixo de suas perucas e muitas não temem o estranhamento dos que não compreendem sua arte. No Brasil, temos as *drags* pioneiras que também foram muito importantes dentro do movimento, algumas ainda vivas, são consideradas como ícones e imortais símbolos de força e empoderamento. Aqui temos alguns nomes de *drag queens* brasileiras, algumas você já deve ter ouvido falar e outras estão dando o que falar: Nany People, Silvetty Montilla, Gloria Groove, Ikaro Kadoshi, Pablio Vittar, Ametista, Kelm, Katrina Addams, Aretuza, Surya Queen, Penelopy Jean, Lorelay Fox, dentre outras.

A *drag* contemporânea, diferente das suas ancestrais, são *drags* que rompem barreiras, não seguem padrões, cada uma tem a sua personalidade própria, algumas são fiéis ao seu estilo *drag*, outras inovam a cada montagem.

O que antes era considerado apenas a arte de se montar como *drag* e realizar apresentações para fins de entretenimento, hoje pode-se dizer que o ser *drag* é um estilo de vida. Ser *drag* é encontrar em si mesmo um abrigo ou até mesmo o meio pelo qual consegue ser você mesmo. Adotar um estilo de vida *drag* é algo muito comum e que encontramos inclusive em pequenas cidades do interior.

Ser *drag* deixou de ser apenas um trabalho, um extra nos fins das noites de sexta-feira. Encontramos *drags* no metrô, no cinema, tanto na plateia como nas grandes telas atuando em grandes produções. Vemos elas em videoclipes com grandes nomes da música nacional e internacional, em premiações importantes como

o Oscar, *Grammy*⁶, *Emmy*⁷, dentre outros. Inclusive, RuPaul é a primeira e *única drag queen* a possuir uma estrela na calçada da fama em Hollywood.

Ainda que haja muitas barreiras a se romper, preconceitos a serem vencidos e espaços a se conquistar, o cenário *drag* atual é tão grandioso que é uma das maiores conquistas do movimento LGBTQI+. Ouso dizer que uma *drag queen*, é um corpo como ato político.

A *drag queen* é vista por muitos com olhos preconceituosos, olhos esses que julgam, que agridem, que condenam. Relacionar a *drag queen* com travestis, transexuais, homossexuais é algo comum pela sociedade, devido à falta de conhecimento. A *drag queen* assume formas diversas. Conforme o Manual de Comunicação LBGT *drag queen* significa:

Homem que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos. Uma *drag queen* não deixa de ser um tipo de “transformista”, pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas – a diferença é que a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero (ABGLT. p.16, 2010).

O ser *drag* é assumir uma personalidade que pode ou não estar relacionada ao seu eu. A pessoa que está por de trás da *drag* pode ser homossexual, heterossexual, pode ser inclusive transexual. O seu gênero biológico ou social não interfere quando se está como *drag*. Muitas pessoas transexuais se descobriram a partir do momento que eram *drag queens* e passaram a perceber que seu corpo, sua mente, sua alma estavam aprisionadas em um corpo que não lhe pertencia, então a *drag* foi como se fosse uma ponte para essa descoberta em alguns casos.

Segundo Vencato (2002, p. 11), existem três aspectos que diferenciam *drags* de pessoas trans: temporalidade, corporalidade e teatralidade:

Temporalidade porque a *drag* tem um tempo montada, outro desmontada e, ainda, aquele em que se monta. Diferente de travestis e transexuais, as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem. A corporalidade *drag* é marcada pela teatralidade, perspectiva que é importante para compreender esses sujeitos (VENCATO, p. 11, 2002).

Sendo assim, percebe-se que a *drag queen* possui especificidades enquanto a sua performance de gênero. Todo o processo de construção corporal, a montagem, concebe essa manifestação.

⁶ *Grammy Award* é uma cerimônia de premiação da "Academia Nacional de Artes e Ciências de Gravação" dos Estados Unidos, que presenteia anualmente os profissionais da indústria musical com o prêmio *Grammy*

⁷ O *Emmy* é o maior e mais prestigioso prêmio atribuído a programas e profissionais de televisão. É equivalente ao *Oscar*, o *Tony*, e ao *Grammy*.

A construção da nossa identidade social é concebida ao longo da nossa vida, é significada pelas relações sociais e culturais. Assim como ganhamos conhecimentos novos, aprendemos uma nova língua, aprendemos a andar de bicicleta, passamos a crescer como seres humanos, desenvolvemos habilidades e novos gostos. Assim é o nosso gênero, ele vem sendo constituída a partir do momento que nascemos, independente do nosso sexo biológico, ela vai se constituindo a partir de nossas vivências, descobrimentos pessoais, desejos, aventuras ou, até mesmo, na busca por si mesmo.

3 A PALAVRA COMO SIGNO IDEOLÓGICO

A palavra como signo ideológico é algo de suma importância nesse trabalho, pois todos os discursos são carregados de ideologias, e na análise realizada, RuPaul está rodeado de diversas ideologias. O signo ideológico comporta sonhos, crenças, valores de um determinado grupo social, visões de mundo e os diferentes modos de interpretar a realidade.

Para melhor compreendermos a palavra e porque é ideológica, trarei aqui explicações, como a palavra se torna signo e porque ideológico. Para concretizar minha explanação, utilizarei a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Mikhail Bakhtin/Volochínov. Os exemplos que aqui trago e relaciono com a teoria provém do objeto de análise, o livro de RuPaul, *Arrase!*.

A palavra, na perspectiva de Bakhtin (2012), é um fenômeno ideológico, é parte da realidade material que quando se relaciona com o mundo existente, a realidade, verte-se em signo e adquire significação. Em Bakhtin a palavra está sempre na relação eu e outro, como se fosse a ponte, um elo.

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades (Bakhtin/Volochinóv, p.32, 2012).

Sendo assim, temos o signo como um produto social, carregado de sentidos e valores. Ele não se constitui fora de uma realidade material, mas sim, reflete e refrata outras realidades. O signo surge e só pode existir dentro da interação social, pois é nessa relação que ele vai ganhar significação dentro de uma realidade concreta. O signo se dá em três partes inseparáveis, a primeira é a parte material, a segunda é a materialidade sócio histórica e a terceira é uma parte do meu ponto de vista, minha opinião, minhas ideologias. Para Bakhtin (2012, p.41), diz que a palavra é tecida da seguinte forma: “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”.

Bakhtin explica que a palavra social, no início, é palavra interior, quando é relacionada diretamente com o psiquismo, concretizando-se como a base da vida interior. Ou seja, enquanto a palavra ainda não é posta na interação com o outro ela é interna. Mais tarde, a palavra ganha um caráter refratário, ela é inserida no meio social como uma palavra exterior, caracterizando as diversas interações verbais. Quando minha palavra, única, carregada de sentidos, pontos de vista, visões de

mundo, sentimentos, e é colocada na relação entre o eu e o outro ela vai constituir o outro, me constituindo. Pode-se confirmar isso a partir do seguinte fragmento da obra *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2012):

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin/Volochinóv, p.113, 2012).

Sendo a palavra essa ponte entre o eu e o outro e que constitui ambos por meio de suas particularidades, as palavras estão carregadas de sentidos. Quando colocadas em interação viva das forças sociais, ocorre uma batalha de valores sociais e de orientação contraditória. Para Bakhtin (2012), apresenta:

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se encruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais (Bakhtin/Volochinóv, p.66, 2012).

Esse confronto de forças sociais, a interação com o outro, pode-se dizer que isso determina a refração do ser em signo ideológico? Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2012), encontramos a seguinte resposta:

O ser refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de um só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes (Bakhtin/Volochinóv, p.46, 2012).

Nessa interação, onde os sujeitos vão se constituir, ambos os enunciados são tomados por ideologias que podem ser semelhantes, mas não serão a mesma coisa. Para cada sujeito uma ideologia diferente, mesmo que seja algo específico de um grupo social, cada sujeito vai ter a sua visão particular sobre determinado tema. Nesse confronto entre eu e outro, a palavra sempre carregada de sentidos, diferentes do eu para o outro. Bakhtin explica que:

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (Bakhtin/Volochinóv, p.95, 2012).

Nessa perspectiva, ainda pensando Bakhtin, podemos trazer a escuta responsiva para refletir sobre essa interação. O ouvinte, explica Bakhtin (2003) em *Estética da criação verbal*, ao compreender o significado linguístico do discurso, tomará um caráter responsivo, podendo concordar ou discordar, complementar, aplicar, preparar para usá-lo. Segundo o autor, tal atitude responsiva é desenvolvida

ao decorrer de todo o processo de audição e compreensão, muitas vezes, a partir da primeira palavra do interlocutor:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bem diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta (BAKHTIN, p.271, 2003).

É nessa escuta responsiva que o sujeito vai compreender a palavra do outro, podendo gerar conflitos, o sujeito pode confrontar com o outro, não aceitando, discutindo ou pode aceitar, buscar compreender melhor, pôr a sua palavra também em campo. Isso tudo se dá na relação eu e outro, tecendo sentidos novos aos signos que já estavam emprenhados de ideologias, é algo que sempre irá se significando a partir das interações sociais.

Se na interação as palavras são carregadas de diversos sentidos, muitas vezes, elas podem não fazer sentido para o eu nem para o outro, mas elas vão servir como possibilidade de reflexão e construção, que vão alterar os sujeitos. É nessa engrenagem que os sujeitos se constituem, as palavras carregadas de sentidos, os signos, quando em uso concreto na relação eu e outro é que esses sujeitos se constituem por meio da alteridade.

Sendo assim, identificarei em meu *corpus* essas palavras carregadas de sentidos, signos ideológicos, e como eles vão constituir o sujeito, RuPaul. Como ele escutou todas as vozes que se direcionaram a ele e como ele respondeu a eles, afinal o sujeito, para Bakhtin, nunca é passivo, sempre irá responder o outro, numa escuta responsiva.

4 ARRASE!

Ser gay
é como o brilho,
nunca vai embora.
Lady Gaga

Arrase! é a obra a ser analisada aqui, garotas. Este guia para felicidade, a liberdade e a busca por estilo, contempla também a vida de RuPaul Charles, que narra algumas das suas experiências de vida, apontando luz em todas as direções e caminhos obscuros, os quais eram cominados a ela. Com isso, faz-nos refletir, pensarmos acerca de nós mesmos, pois pensar é dever e, a partir do outro, podemos nos ver e ver o mundo presente no mesmo.

O objetivo desta análise é encontrar, na relação eu e outro, quais discursos prevalecem e como se apresentam, no texto, as vozes existentes. Esse percurso será feito com a finalidade de buscar compreender como a identidade de RuPaul se constitui a partir do encontro com essas vozes.

A análise será dividida em três seções: a primeira e a segunda aterão em analisar dois fragmentos extraídos do livro, que apresentam diferentes encontros do eu com o outro. A terceira se dará pela análise de uma imagem, que também compõe o livro, o objeto de análise. Os trechos selecionados tiveram como critério para a seleção: partes que falassem sobre a vida de RuPaul e que se encontrassem nas páginas iniciais do livro.

Ambas as análises serão munidas de conceitos que serão embasados nos estudos de Bakhtin. Sendo assim, podemos ler o texto, pensar o mundo e reconhecer a existência singular na relação com a universalidade.

4.1 Encontro de palavras: relação entre a palavra do eu e do outro, lugares de encontro e desencontro

A primeira análise a ser apresentada refere-se a trecho presente já nas páginas iniciais do livro, que trazem a introdução. Nessa parte, de imediato, apresenta-se o primeiro encontro do eu e do outro: nesse caso, RuPaul e o seu professor de teatro do ensino médio, o qual lhe dera um conselho.

TRECHO 1:

O melhor conselho que já recebi foi do Sr. Pannell, meu professor de teatro do ensino médio. Na época, eu estava passando por um drama adolescente pessoal.

Minhas notas ruins haviam me alcançado, e eu estava prestes a ser expulsa da única escola que já havia gostado. O Sr. Pannell, vendo como eu estava abalada, calmamente me puxou de lado e disse em um tom sereno: “A coisa mais importante a se lembrar, RuPaul, é não levar a vida tão a sério.” Espera aí, eu pensei. Estou prestes a ser expulsa da única escola de que já gostei e seu conselho para mim é “não leve a vida tão a sério?”. Você está louco? Claro, a verdade e a sabedoria do conselho dele passaram despercebidas por mim na época, mas nunca esqueci aquelas palavras. Na verdade, nos próximos trinta anos elas iriam se tornar o lema pelo qual eu guiaria a minha vida (RUPAUL, 2018).

Nas primeiras linhas, o autor, RuPaul, inicia a narrativa contando um pouco do seu passado, trazendo acontecimentos fundamentais na sua vida. Notamos, então: “O melhor conselho que já recebi foi do Sr. Pannell, meu professor de teatro do ensino médio.” Aqui, Ru fala sobre um conselho recebido pelo seu professor de teatro do ensino médio. Inicialmente, temos aí um primeiro encontro, o encontro de RuPaul e seu professor, o encontro se dá pelo conselho recebido do Sr. Pannell. Podemos notar que não foi um simples conselho, foi “o melhor conselho”. É usado o adjetivo “melhor” para qualificar o substantivo “conselho”. Trata-se de um superlativo de bom, ou seja, a escolha lexical determina que o conselho recebido não foi um simples conselho ou um bom conselho, afinal foi “o melhor” nas palavras de RuPaul, o melhor de todos, num grau elevado ou muito mais elevado que qualquer um outro já recebido.

Ao utilizar o pronome pessoal possessivo “meu” em “meu professor”, o autor exprime a ideia de familiaridade, como explica BARROS e BITTENCOURT(2003):

o pronome possessivo serve para estabelecer entre duas pessoas do discurso múltiplas relações semânticas, dentre as quais a de posse stricto sensu pode ser considerada prototípica. Tal ponto de vista, ainda que admissível, apenas desvela uma característica própria (relação bipessoal) e outra contingente (posse stricto sensu) do modo de existência do referido pronome; não alcança, porém, a invariante funcional porque ele essencialmente se identifica na língua portuguesa. Barros e Bittencourt (apud M. H. MOURA NEVES, p.201-202, 1993)

Portanto, possibilita o pensamento de proximidade nessa relação bipessoal, entre os dois. Havia uma confiança, uma relação formal de respeito (representada pela forma abreviada de “senhor”) e até admiração do aluno pelo professor, pois era seu professor de teatro, o que diz muito a respeito sobre os anos a seguir vividos por RuPaul, ligado diretamente com o mundo artístico. O professor Pannell passa, então, a ser alguém que tinha esse poder de fala, em que suas palavras exercem um poder de influência sob o outro.

O poder de fala é algo muito forte, uma vez que vivemos rodeados pelo poder da linguagem. Miotello e Moura (2013), ao abordar questões sobre o poder da

linguagem no jogo entre identidade e alteridade, discutem que o poder de fala é algo muito poderoso, como podemos conferir:

Vivemos rodeados por todos os lados pelo poder. Relações de poder, a bem da verdade. Relações hierarquizadas de poder, dizendo melhor. Pois que nem o poder e nem nenhum outro objeto/signo/valor construído nas relações humanas, vive pulando pelo meio da rua, tendo vida própria e autonomia. São as relações entre o outro e eu o ponto de partida constituidor de qualquer realidade humana. Nada é assim por si ou por destino, ou vontade de um deus qualquer. Muito menos as realidades são um jeito ou de outro jeito por desejo ou vontade de um homem apenas, qualquer homem. O que resulta pela ação de algum homem, qualquer homem, é sempre resultado do movimento, na mesma direção ou oposta, de dois ou mais homens relacionados. De uma vontade, de uma emoção, de um querer, de um projeto, de dois ou mais homens que se dá de alguma atividade. É o vigor emotivo-volitivo. Pode ser uma atividade linguística (MIOTELLO E MOURA, p.58, 2013).

A questão do poder da palavra do outro sobre o eu é algo muito importante para pensar e discutir. Como o encontro com o outro de algum modo nos altera, isso tem muito a dizer sobre a questão da nossa identidade. Somos sujeitos plurais, formados a partir de muitas vozes, as vozes dos outros, que ecoam no nosso existir. Desse modo, pensamos na relação professor X aluno como um ponto de partida constituidor, a interação foi crucial para alterar o outro.

À luz das teorias bakhtinianas, vemos que o eu só existe a partir da interação com o outro. Miotello e Moura (2013, p.50) dizem que:

A constituição do eu sempre é uma concessão do outro. A iniciativa do diálogo é sempre do outro. E eu vou me constituindo no ato responsivo, fora de mim mesmo, mesmo que ao meu alcance. Vou me constituindo nos limites entre eu e o outro, vou existindo pelas ofertas do Outro. Nesse jogo a minha identidade é uma atividade coletiva, cujo ponto de partida é sempre o outro (MIOTELLO e MOURA, p.50, 2013).

Essa interação eu e outro é imprescindível para a construção da identidade do sujeito. Devemos saber que essas relações são repletas de nuances: pode-se aceitar, rejeitar, confrontar ou entender as palavras do outro. A partir da teoria bakhtiniana, Miotello e Moura ressaltam que o eu não é mais como o construtor da sua identidade, mas sim como *constructo*.

Pensar o eu como *constructo* não joga fora a questão da identidade, mas ela não é mais vista como ponto de partida. O ponto de partida é o construtor, e esse é o Outro. Um eu que é pensado é um eu que tem a existência concedida pelo outro (2013, p.49).

Pensando desse modo, a questão não se trata mais sobre a identidade construída por mim mesmo, fechado no meu psiquismo, mas sim construída com e pelo outro, por meio da interação, pela alteridade. O GEGe (Grupo de Estudos dos

Gêneros do Discurso) produziu um interessante Caderno de Estudos para leitores principiantes de Bakhtin. Veja o que escreveram os membros deste grupo no texto "Alteridade":

Para Bakhtin, é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E este processo (...) é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos. (...) Em "estética da criação verbal", Bakhtin afirma que "é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições", o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões, dizeres. A alteridade é fundamento da identidade. Relação é a palavra-chave na proposta de Bakhtin. Eu apenas existo a partir do Outro (IN PALAVRAS E CONTRAPALAVRAS: GLOSSARIANDO CONCEITOS, CATEGORIAS E NOÇÕES DE BAKHTIN, p.13-14, 2009).

Tendo em vista o nosso objeto de análise, vemos os ecos do outro em RuPaul diante da interação social com seu professor Sr. Pannell.

O trecho 1 faz com que viajemos mais ou menos uns 45 anos atrás, na adolescência do menino RuPaul Charles. Comprova-se essa memória que atualiza o passado pelo fragmento: "Na época, eu estava passando por um drama adolescente pessoal. Minhas notas ruins haviam me alcançado, e eu estava prestes a ser expulsa da única escola que já havia gostado." Fica claro, então, o tempo em que se passa o fato narrado. Temos nesse trecho um encontro e alguns desencontros.

Quando Ru fala sobre seu drama pessoal adolescente, ele menciona que se encontrava em uma situação delicada na escola por conta de suas notas baixas, como comprova o fragmento "...estava passando por um drama adolescente pessoal. Minhas notas ruins haviam me alcançado, e eu estava prestes a ser expulsa da única escola que já havia gostado". Temos, nesse fragmento, alguns encontros. RuPaul estava passando por um drama pessoal, esse drama é o resultado de interações com o meio social, o que resultou em suas notas baixas, o que não deixa de ser mais um encontro, as notas baixas podem ser o outro, afinal o outro é qualquer outra coisa do mundo que possa ser capaz de interagir com o eu. As notas baixas além de serem o outro como mencionado, são o resultado de interações anteriores com o outro, esse outro não está explícito no texto de análise. Essas interações não descritas, resultaram no desempenho de Ru, a alteridade, nesse caso, resultou nas notas baixas do garoto.

Percebendo o estado do seu aluno, o professor de teatro, Sr. Pannell, com delicadeza puxou Ru para um lado e em tom sereno, lhe disse: "A coisa mais

importante a se lembrar, RuPaul, é não levar a vida tão a sério.” Aqui percebemos a presença de personagens que dialogam com vozes contraditórias que se humanizam. Bakhtin (1981) destaca o romance polifônico de Dostoiévski marcado por essas relações dialógicas.

Dois juízos de valor expressos de dois diferentes sujeitos e dois diferentes enunciados, então surgirão, segundo o autor, relações dialógicas entre eles. É importante apontar que essas relações podem se confrontar, estar de acordo ou não, são constitutivas de enunciados integrais, sendo parte do microdiálogo, ou seja, a palavra que guarda em si a ressonância de ao menos duas vozes.

Além do caráter dialógico, Bakhtin (1981) apresenta mais um ponto característico do romance polifônico: o uso da palavra bivocal, que surgiria apenas em situações de comunicação dialógica. O que pode marcar linguisticamente a bivocalidade da palavra é, segundo a ótica bakhtiniana, a inserção das palavras do outro em nossa fala, sempre coberta de algo novo da nossa fala:

A transmissão da afirmação de um outro em forma de pergunta já leva a um atrito em duas interpretações numa só palavra, tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro. O nosso discurso na vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas por nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas (BAKHTIN, p.169, 1981).

A repetição de uma afirmação do outro, seja ela em forma de pergunta, dúvida, indignação, dá o fenômeno da bivocalidade. Em relação ao *corpus*, RuPaul reproduz a palavra do professor Pannell, a palavra outra “A coisa mais importante a se lembrar, RuPaul, é não levar a vida tão a sério”, acentuando-a com novos valores sociais. As palavras se confrontam, pois estão carregadas de sentido para o outro e o eu está de alguma forma tentando digeri-las, tomando para si as palavras e enchendo de novos sentidos diante da sua ótica.

Outra questão importante de se analisar presente nesse discurso bivocal é o conselho dado pelo professor que diz: “não levar a vida tão a sério”. Iniciada com um advérbio de negação, a frase já tem uma valoração diferenciada, nesse caso, excluindo os conflitos internos que rondam o amanhã, as preocupações, deixando de lado os pensares sobre uma vida séria, pois como diz o autor por meio da fala do professor para não levar a vida tão a sério, mesmo que existam pessoas sérias e que levam uma vida séria, tradicional, baseadas em costumes enraizados no meio social

em que vivem. Portanto é possível levar uma vida séria, como também é possível deixar isso de lado e apenas viver a vida, como enfatiza o professor Pannell. O não, nesse caso, não representa a censura.

O adverbio de intensidade “tão” é posto para pôr vigor na palavra que o acompanha que é o “sério” como podemos ver no fragmento: “não levar a vida tão a sério”. O “sério” por sua vez é um adjetivo tem como significado a pessoa que não ri, grave, sisudo, circunspecto, sem ironia e sem riso. Bakhtin nos apresenta na obra *Estética da Criação Verbal* que só as culturas dogmáticas e autoritárias são unilateralmente sérias, a seriedade amontoa as situações de impasse, o riso se coloca sobre elas, liberta-se. Na ótica de Bakhtin, o professor é então quem põe o riso diante das imposições sérias que a sociedade tradicional cultiva; o professor Pannell instiga RuPaul a rir, a se libertar, *just live, free bitch!* Ou como Bakhtin disse: O riso não coíbe o homem, liberta-o.

4.2 De um sujeito plural: das vozes que mais me constituíram

Quero libertar você,
quero libertar você de seus
medos e fazer com que você sinta que
pode criar seus próprios espaços no mundo.
Lady Gaga.

A segunda análise será feita a partir de outro fragmento retirado do mesmo livro, **Arrase!**. Vamos analisar os encontros e desencontros, as vozes que constituem a identidade de RuPaul e como ele responde a palavras de outros.

Na quinta página do primeiro capítulo, intitulado de “Francamente, o problema é esse seu jeito”, o foco a adolescência como ponto de partida de Ru, o ponto em que ele começa a andar por si só, deixando de lado as coisas negativas e alça voos para a vida que lhe aguarda. O fragmento é o seguinte:

Trecho 2: “San Diego é conhecida pelo céu ensolarado e belas praias, e quando eu morava lá ia para a praia sempre que podia. Eu amava. Me sentia livre. Mas ir à praia exigia um grande esforço, porque meu bairro era tão longe da costa que eu tinha que pegar vários ônibus para chegar lá. O povo do meu bairro raramente se aventurava por essa região. Na verdade, eles não saiam muito do bairro. Preferiam ficar no conforto do gueto. Mas aos treze senti o desejo de explorar, e não me importava quantos ônibus eu tivesse que pegar, nada iria me deter. Eu sempre achava estranho que tão pouca gente do meu bairro aproveitasse a característica mais bombada de se

morar no sul da Califórnia, mas, isso não impediria euzinha de ir. Quando eu voltava da praia, os vizinhos me atazanavam dizendo coisas do tipo: “Ah, você deve achar que é branca ou sei lá!” ou “Acha que é melhor do que nós?” Isso abriu bem meus olhos. Eu não estava preparada para a reação negativa provocada pela minha odisseia ao mar. Foi então que percebi: eu teria que aprender a lidar com o ego ferido das pessoas, principalmente quando eu não comprava a visão de mundo limitada delas. Na época, minhas alternativas eram fazer a egípcia, ficar quieta e fingir de morta” (RUPAUL, 2018).

Mais uma vez, RuPaul nos leva para a sua adolescência, mais exatamente aos seus trezes anos de idade. Isso se passa no início da década de 70. Nessa época, era muito forte o confronto entre negros e brancos, resultando na separação entre eles. Os negros, geralmente, habitavam os bairros, formados quase que em sua totalidade só por negros. Essa separação fez com que, além de eles estarem mais protegidos, criassem uma espécie de resistência entre eles e os brancos. Dessa forma, nesses bairros, a população se detinha em sua própria localidade e eram poucos os que tinham empregos fora do seu bairro, ou até mesmo na cidade em que vivia junto dos brancos.

Quando RuPaul fala que: “...ia para a praia sempre que podia. Eu amava. Me sentia livre. [...] O povo do meu bairro raramente se aventurava por essa região. Na verdade, eles não saiam muito do bairro. Preferiam ficar no conforto do gueto”, temos aí um exemplo da questão social que estava instaurada na época e um desencontro do outro, o outro não frequentava outros lugares, no entanto esse desencontro do outro gera uma identidade formada por ideologias que quando em interação com Ru se confrontam.

Desse modo, as pessoas que frequentavam os clubes e ambientes abertos, como a praia, eram compostos por uma maioria branca e os negros, nesses espaços, não tinham como hábito circular. Aos poucos, alguns dos negros com sede de se aventurar, assim como Ru, começaram a ocupar os mesmos espaços e expandir as fronteiras.

Referente a esses grupos sociais que formavam essa divisão social, podemos entender o sujeito com sua identidade social a partir do grupo social ao qual ele pertence. Torres e Camino (2013), que abordam a questão da identidade e grupos sociais, sintetizam a teoria de identidade social, dizendo o seguinte:

Esta teoria se desenvolve a partir de uma noção de identidade que traduz a consciência que o sujeito possui de pertencer a uma categoria ou grupo social concreto, junto com o significado emocional dessa pertença. Postula que os indivíduos são motivados a conseguir uma identidade social positiva que

contribua em sua própria autoestima e que, para tanto, estabelecem comparações sociais nas quais procuram diferenciar positivamente dos outros grupos. Conclui que quanto mais forte seja a identidade do sujeito com um grupo, maior será sua tendência de supervalorizar seu grupo e desvalorizar outros grupos. Assim, os processos psicológicos acontecem com e no indivíduo se darão a partir do jogo das relações de poder entre os grupos que formam uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico (TORRES e CAMINO, 2013, p.537-538).

A partir dessa citação, sob a luz da psicologia, podemos compreender um pouco sobre essas relações tanto internas e externas dos grupos sociais e o porquê desses confrontos. Entendemos o porquê de Ru, mesmo pertencendo a um determinado grupo social, com suas especificidades identitárias, vendo que o mundo era um leque de possibilidades, caminhos, escolhas, diferentes discursos, ia ao encontro do outro. Ele tinha uma mente aberta e buscava sempre mais, não se limitava em viver apenas aquela ideia de mundo dada pelos membros do seu grupo social. RuPaul buscava ver o mundo por seus próprios olhos, sentir novas brisas, conhecer novos sabores e se aventurar. Isso se dá na relação, harmônica ou tensa, com o outro, diferente de mim.

O confronto entre esses grupos sociais se legitima a partir desse entendimento de que cada indivíduo, parte de seu grupo social, faz com que prevaleçam discursos ao seu favor, nesse caso, beneficiando ao seu grupo social. Assim como o sujeito se constitui por meio de relações sociais com o outro, ele é alterado, o grupo social também constrói a sua identidade por meio dos discursos dos seus membros, que enfatizam e valoram ao seu benefício, criando assim valores sociais para determinado grupo social. Deste modo, torna-se algo singular, cada sujeito cria julgamentos e opiniões sobre determinados assuntos.

A singularidade não é passiva de discussão, ela é uma reação e opinião individual, em que é atribuída um determinado valor para algo específico, nesse caso, os grupos sociais, ambos subjetivos, carregados de vozes outras que constituem cada um com base em suas culturas e pelo seu contexto histórico. São determinadas por reações reais da enunciação, manifestadas em atos singulares, chamados de eventos, no discurso integrado a uma situação real, fruto do diálogo de vozes sociais que ecoam na palavra de cada sujeito.

Ru buscava algo fora do seu grupo social, cronótopos⁸ outros, queria ver além,

⁸ Cronotopo é uma composição das palavras gregas *cronos*: tempo e *topo*: lugar. É um conceito usado por Mikhail Bakhtin para tratar da relação espaço-tempo no âmbito literário.

ele amava suas jornadas, sentia-se livre, o esforço feito valia a pena. Fugir da força centrípeta do seu grupo social era uma coisa boa para ele, pois as visões limitadas de mundo vistas por ele em seu meio social passaram a ser questionadas. Ele resolveu explorar outros lugares, outros grupos, e por que não? Esses cronótopos outros são lugares que não sufocam, discursos contra hegemônicos, e essa busca por um outro lugar se caracteriza por uma ação do sujeito, e o sujeito se constitui também pelas suas escolhas. Esses cronótopos outros, pode se exemplificar pelo céu ensolarado de San Diego e suas belas praias. Para RuPaul esses encontros eram libertadores, pela minha leitura.

É aí que ocorre uma série de encontros e desencontros de Ru, seu bairro e lugares novos. Ao desencontrar seu bairro, deixá-lo, RuPaul se dava ao encontro de outras vozes, novos discursos, que o alteravam. No entanto, com base no fragmento selecionado, Ru vai ao encontro da praia, enquanto seus vizinhos e o povo do seu bairro raramente se aventuravam em lugares diferentes dos de costume. Ressalto aqui a questão da valorização do seu grupo social e a desvalorização do outro, nesse caso os brancos valorizam os brancos e desvalorizam os negros, e os negros valorizam o seu grupo, os negros, e desvalorizam os brancos.

Seus vizinhos o criticavam por ele frequentar o lugar que de costume era frequentado pelos brancos. Isso incomodava as pessoas do bairro que, por essa questão racial e de grupo social fortemente instaurada, eram muito territorialistas. Viam que RuPaul, ao se relacionar uma alteridade, totalmente outra, comportava-se como se estivesse traindo os seus.

Pensando desse modo, naquele evento, os enunciados remetidos a Ru não acrescentavam em sua vida, ele ignorou a visão fechada de mundo produzida pelas pessoas que moravam no mesmo bairro que ele. Neste momento, me questionei se poderia mesmo ser ignorado o que diziam a RuPaul, então, lembrei que, segundo Bakhtin, o sujeito pode aceitar, rejeitar, confrontar e entender o encontro com o outro, mas que sempre de algum modo isso irá nos transformar. Valdemir Miotello (2018), traz questões sobre o ato responsável, referindo-se ao sujeito que responde, observando que:

Então, o comportamento do eu é escuta, é escutar, e a resposta. E essa resposta, vem desse lugar único, e a ti cabe o ato responsivo. Para isso eu respondo, por isso eu respondo. A expressão em português é boa. Respondo no sentido de respondo, e respondo no sentido de que eu assino esse meu compromisso. Eu sou responsável. Então, essa palavra respondo tem duas palavras dentro dela. O responsivo e o responsável. Eu não posso escapar,

eu não tenho álibi, eu não tenho escapatória. Então isso eu acho que é fundamental na perspectiva de Bakhtin, para dizer esse é o lugar constitutivo (MIOTELLO, 2018, p.26).

Como o sujeito não é passivo diante das interações com o outro, Ru opta, no seu caso, por não confrontar, constrói em seu discurso, o posicionamento do outro, mas não se deixa levar por isso e como ele mesmo diz “minhas alternativas eram fazer a egípcia, ficar quieta e fingir de morta”, essa foi a resposta de RuPaul, ele ficou quieto quando aconteciam esses eventos, o silêncio como resposta, pois o silêncio também é uma resposta aos enunciados.

A época em que ocorreram estes eventos, como já dito, foi marcada pela segregação racial instalada nos Estados Unidos. MYRDAL (1944; 1965 apud MOREIRA, 2017, p.02), explica brevemente como foi a segregação nos Estados Unidos:

A questão do dilema norte americano, segundo Myrdal, ocorre no conflito das suas próprias valorações, umas firmadas através das crenças e dos preceitos morais, e outras através do nacionalismo. Segundo Myrdal, para os brancos nos Estados Unidos, o indivíduo negro é uma “ameaça” para a estrutura da sociedade norte-americana. Na época em que a obra fora escrita – quase um século após a abolição da escravatura naquele país – ainda havia resistências em aceitar os negros e as negras como membros da nação norte americana, traduzidas sob as formas da discriminação e da segregação e legitimadas sob diversas práticas sociais e atos legais (MYRDAL, 1944; 1965 apud MOREIRA, 2017, p.02).

Esse momento refletia na comunidade em que Ru vivia. Os discursos de ódio eram muito fortes, existiam muitas ameaças que causavam limitações a negros. Todos esses discursos ressoavam na vida de RuPaul e em seu grupo social. Por isso que Ru era visto como rebelde, que estava traindo o seu grupo, era tido como louco ou que pensava que era branca por frequentar os mesmos espaços que os brancos. Esses pensares, a visão de mundo limitada e que também era excludente deste grupo provém de um discurso ideológico determinado pelas relações sociais e políticas da época. Miotello e Moura (2013) destacam:

Cada época e cada grupo social tem um repertório de formas de discurso neste jogo de comunicação social e ideológica. E essas são determinadas pelas relações de produção e pelas estruturas sócio-políticas. Aqui aparece um componente poderoso no processo das interações das relações sociais. Determinado grupo social inter-age a partir de um conjunto de formas de enunciação, que se organizam a partir de determinados temas, e isso forma uma unidade orgânica indestrutível. O que permite mover esse repertório é a mudança que pode se dar nas formas de comunicação sócio-verbal. Os signos são determinados tanto pela organização social de tais indivíduos, quanto pelas condições em que essas interações se dão. Modificar essas formas causa uma modificação nos signos, logo na consciência, logo nos sujeitos, dois ou mais (MIOTELLO & MOURA, 2013, p. 59-60).

Por isso, dava-se o estranhamento, o receio, a inconformabilidade de um grupo ao perceber que um dos seus buscava seus sonhos nas relações com o outro. RuPaul (2018, p.06) ainda diz que “se você é alguém que tem objetivos e força de vontade para tirá-los do papel, as pessoas vão se sentir ameaçadas por você, especialmente se os seus objetivos não as incluírem.”

Ru buscava, em suas idas à praia, o encontro com outras vozes, outras paisagens, outros cronótopos. É possível considerar que isso tenha resultado, em grande parte, de sua curiosidade intrínseca e vontade de experimentar coisas novas. Esse encontro com a alteridade foi essencial para a constituição do eu de RuPaul. Assim somos constituídos, nossa identidade é constituída nessa relação, de encontros e desencontros com várias vozes. A identidade, nesse sentido, não é construída unicamente pelo outro. Mas em relação. Para Miotello e Moura, (2016, p. 131) “Não temos o controle total dessa relação” com o outro, mas toda a relação com o outro constitui uma nova realidade. Um novo eu, pelo outro.

Encontramos nas palavras “isso abriu meus olhos”, do livro de RuPaul (2018, p.06), uma espécie de reação, uma ação dada a partir das interações com o outro, nesse caso, os eventos relacionados aos vizinhos. Nessa perspectiva, RuPaul percebe o mundo a sua volta e como ele é visto pelo outro. No trecho “eu não estava preparada para a reação negativa provocada pela minha odisséia ao mar” ele apresenta esta ideia de não estar preparado, na visão de Bakhtin, não se trata de não estar preparado, estando ou não preparado, as dificuldades podem acontecer, pois o sujeito é sempre inacabado, ou seja, nunca está sempre e plenamente preparado para algo.

Nesse caso, pensando sobre a dialogia e a alteridade, Geraldi conversa sobre essa relação que pode nem sempre ser harmoniosa. Ele reflete que:

Sem dúvida alguma, o pensamento bakhtiniano alicerça-se em dois pilares: a alteridade, pressupondo-se o Outro como existente e reconhecido pelo “eu” como Outro que não-eu e a dialogia, pela qual se qualifica a relação essencial entre o eu e o outro. Evidentemente, assumir a relação dialógica como essencial na constituição dos seres humanos não significa imaginá-la sempre harmoniosa, consensual e desprovida de conflitos (2010, p.105-106).

Isso explica a interação que causou estranhamento por ambas as partes, RuPaul e seus vizinhos.

E, diante disso, nas interações com os vizinhos, ele aprendeu três coisas, que são descritas por ele (2018, p.06): “fazer a egípcia, ficar quieta e fingir de morta”, que

se pode entender como ficar quieta, não rebater às críticas, o silenciamento é uma resposta também. Sendo assim, essa foi tanto a resposta ao outro como também algo que RuPaul aprendeu com essas interações.

4.3 Revoluções: um corpo ambivalente

Os corpos se transformam através da montagem, de tal forma que, podemos afirmar, que o eu deixa de ser o eu para ser outro, passando a ser o outro de mim mesmo. Partimos, portanto, da ideia de que a montagem é um processo dialógico que constitui uma identidade referente a um corpo ambivalente - o eu e o outro no mesmo espaço.

Para Gadelha (2003 apud Fontoura, 2007, p.22), pesquisador da montagem drag, diz que:

Com a ideia do corpo como algo maleável, suscetível de ser expresso de múltiplas formas que as drag queens vivem uma construção da diferença. Essas personagens se caracterizam por serem homens que durante um determinado momento construíram para si um novo corpo. Não serão mais eles e, sim, elas: as drags (GADELHA, 2003 apud FONTOURA, 2007, p.22).

Pensando em Bakhtin, a ideia de construir um novo corpo vai se dar absolutamente em interação com outro, pois é pelo outro que nos constituímos. RuPaul, quando montada, nos comprova isso. O corpo como *drag* é um infinito eco de vozes outras. Seu cabelo, o sorriso, sua postura, a forma como se veste, seu estilo, tudo é uma soma dessas vozes que resultam em sua montagem, ela é o que é por causa do outro, um outro que ela assume ser por um determinado tempo e num certo espaço.

Para explorar isso, cabe observar, ainda que brevemente, uma imagem do livro que neste trabalho analisamos. Na imagem, está a figura de RuPaul montada de *drag queen*. Vamos identificar quais as vozes presentes estão aparentes na maneira em que se apresenta.



“Esse é o evento principal,
você está pronto?”

Fonte: RuPaul. Arrase!. (2018, p.128)

No livro, a imagem acompanha uma legenda que diz o seguinte: “Esse é o evento principal, você está pronto?”. Essa imagem, como todas as demais presentes no livro, estão acompanhadas de legendas, que se referem às poses e feições de Ru. Tomamos o entendimento sobre imagem contida no livro “Leitura de imagens”, de Santaella (2012), a pesquisadora oferece um conceito de imagem, diante de uma das definições mais antigas segundo Platão, que diz o seguinte:

Em primeiro lugar são sombras, depois reflexos que vemos na água ou na superfície de corpos opacos, polidos, brilhantes, e todas as representações desse gênero. Duas conclusões podem ser extraídas desse conceito. Primeiro, ele se refere às imagens naturais e não às imagens produzidas pelos seres humanos. Segundo, mesmo sendo natural, a imagem é um duplo, quer dizer, ela reproduz características reconhecíveis de algo visível. Por razões que só se explicam no interior de seu pensamento. Platão privilegiou as imagens naturais como ferramentas filosóficas, em detrimento das imagens artificiais, quer dizer, criadas ou recriadas por agentes humanos. De qualquer modo, uma das conclusões que se pode extrair do conceito

platônico de imagem – seu caráter duplo -, é também comum às imagens artificiais. Assim, estas costumam ser definidas como um artefato, bidimensional (como em um desenho, pintura, gravura, fotografia) ou tridimensional (como em uma escultura), que tem uma aparência similar a algo que está fora delas – usualmente objetos, pessoas ou situações – e que, de algum modo, elas, as imagens, tornam reconhecível, graças às relações de semelhança que mantêm com o que representam (p.14-15).

Nesse sentido, temos então que a imagem é algo reconhecível, pois tem semelhança com o que representam e com o que conhecemos. Santaella afirma ainda que na leitura de uma imagem, podemos lançar um olhar mais atento aos detalhes, ver suas especificidades, fazer do olhar uma espécie de máquina de sentir e conhecer. É com base nesses princípios que será realizada a análise. Serão apresentadas materialidades do mundo presentes na imagem, as múltiplas vozes presentes e reconhecendo como RuPaul se enquadra dentro do universo *drag*, ou seja, o seu estilo *drag*.

Partindo de uma leitura superficial, vemos RuPaul em pé, usando um vestido bufante, de tule vermelho, com muitos babados, um cabelo loiro bem armado. Ela está fazendo uma pose de surpresa, com o holofote em seu rosto.

Ao imergir no campo de análise do corpo, iremos apresentar o conceito de carnavalização na perspectiva da ambivalência. Nessa teoria apresenta-se como se dá a transformação do espírito carnavalesco para a arte, a arte *drag*, que é uma manifestação plural, de múltiplas fontes e linguagens e manifestações populares, carregada de vozes outras. Para Bakhtin (1997):

O carnaval é uma grandiosa cosmovisão universalmente popular dos milênios passados. Essa cosmovisão que liberta do medo, aproxima ao máximo o mundo do homem e o homem do homem (tudo é trazido para a zona do contato familiar livre), com o seu contentamento com as mudanças e sua alegre relatividade, opõe-se somente à seriedade oficial, unilateral e sombria, gerada pelo medo, dogmática, hostil aos processos de formação e à mudança, tendente a absolutizar um dado estado da existência e do sistema social (BAKHTIN, 1997, p.161; grifos do autor).

A carnavalização surge desse espírito carnavalesco, rompe com os padrões preestabelecidos, imposições e processos de manutenção da ordem social. Conforme Fiorin (2006) no carnaval a vida se põe a o contrário, o mundo inverte, subverte. Nisso emerge o efeito nas mais distintas maneiras do fazer artístico. Em nossa análise, a *drag queen*, que é uma constante reinvenção permeável à carnavalização. Para Fiorin (2006), para que a *drag* seja carnavalizada:

[...] é preciso que uma obra seja marcada pelo riso, que dessacraliza e relativiza as coisas sérias as verdades estabelecidas, e que é dirigido aos poderosos, ao que é considerado superior. Nela aliam-se a negação (a

zombaria, o motejo, a gozação) e a afirmação (a alegria). Por isso, ela opera muito com os duplos, os dois polos: o nascimento e a morte, a bênção e a maldição, o louvor e a injúria, a juventude e a decrepitude, o alto e o baixo. Essas imagens geminadas constroem-se pela lei dos contrastes (por exemplo, o gordo e o magro) ou das semelhanças (os gêmeos, os duplos). (p. 96).

A *drag* como carnavalizada é ambivalente, e joga entre imagens antiéticas promovendo reações como a degeneração e a regeneração, gerando leituras ambivalentes e perceptíveis.

No entanto, RuPaul, por meio da carnavalização, põe-se ao avesso, desperta características cômicas do feminino, provoca e usa o riso, viola o que é comum, extrapola os limites do corpo pondo o exagero em toda forma de corpo e existir.

Na imagem, notamos essas características exageradas em RuPaul, o riso, a reação exagerada, sua roupa bufante, cabelo bem armado, toda posta em carnavalização, seu corpo ri por meio das outras vozes que a constituem.

Na imagem carnavalizada, ambígua, de RuPaul, na minha leitura e conhecedor desse sujeito, vejo as vozes ecoando na sua montagem. Em seu cabelo, vejo o cabelo de Diana Ross⁹, uma das maiores divas de Ru.

Seu vestido, exagerado no tulle¹⁰, pode atender como uma leitura possível aos *looks* de Diana, que também exagera nos tecidos e em tamanho de seus figurinos. A cara de espanto relaciona-se com a legenda da foto que é focada pelo holofote, dando um ar de surpresa. Uma das características marcantes de Ru são suas expressões bem acentuadas e expressivas.

Essas características expressas pela imagem, como o cabelo, roupa, sorriso, são destaques no livro **Arrase!**, afinal é um guia, e nele ela dá dicas de como se comportar, vestir-se, maquiar, e, nessas dicas destaca esses aspectos aos quais ela mesma faz jus.

⁹ Cantora americana de soul, Jazz, R&B e pop.

¹⁰ O tule é um dos tecidos mais versáteis que existem. Também conhecido como filó, ele surgiu em 1700, na cidade francesa de Tulle, dando origem ao nome do produto. A princípio, o tecido era utilizado apenas para fazer babados e forrar saias. Delfim. Tule: sinônimo de leveza e elegância. 2015.

5 AQUENDANDO¹¹

Todas as vezes
que eles disseram "não",
eu me tornei mais forte.

Lady Gaga.

Por meio desse trabalho concluí meus objetivos, respondi todas as questões que me nortearam para fazer as análises. A grande questão era como se constitui a identidade a partir do outro, lendo e estudando, a partir dos estudos bakhtinianos, entendi que é pela alteridade que os sujeitos constituem sua identidade por meio de interações sociais. Estudando também como a palavra se torna signo ideológico pude então identificar no meu objeto de análise, nos trechos selecionados, quais palavras e como as ideologias, nos encontros e desencontros, constituíram RuPaul, que numa escuta responsiva respondia tais enunciados, afinal, o sujeito não é passivo segundo Bakhtin.

Percebi então que na interação de RuPaul com as escolas as quais ele passou, suas notas baixas, o professor Pannell, seus vizinhos do gueto, as idas a praia, a praia, todos esses outros, as interações foram o outro que constituiu a identidade do menino RuPaul Charles.

Na análise da imagem continuei com o foco que tange a constituição da identidade, encontrando vozes outras que moldam e vestem o corpo de Ru. Trabalhei com a revolução de um corpo ambivalente, trazendo mais conceitos de Bakhtin como a carnavalesco, que nos remete de imediato ao signo carnaval, que para Bakhtin é mais do que o conceito comum que as pessoas têm. Para ele, carnaval é uma festa universal, em espaço público, momento de liberação das relações hierárquicas de poder, êxtase do ser, rompimento de regras e tabus, sem privilégios e assimetrias, apontando para um tempo futuro incompleto, de renovações.

É nessa perspectiva que estudamos o corpo, a montagem, a libertação desse corpo, com potencial transformador.

Este estudo e análise foi muito importante, pois parece que tudo se torna diferente depois de compreender alguns conceitos, vemos o mundo com outros olhos, sob a ótica bakhtiniana.

¹¹ Aquendar para as drag queens e travestis é o ato de esconder a parte íntima, selar, dar acabamento, finalizar, concluir a montagem/transformação.

Enriqueci meu vocabulário me apegando a termos linguísticos, o que fez muita diferença na hora de escrever meu trabalho. Pude pensar o mundo enquanto realizava as análises, pois precisava encontrar materialidades do mundo para responder algumas perguntas.

Em diversos momentos encontrei dúvidas relacionadas as teorias, mas tive suporte da minha orientadora que não deixou de me ajudar, ofertou-me materiais para ler e saber mais a respeito de alguns assuntos. Cada orientação que tive foi muito enriquecedora. Tive acesso a diversos livros, li sobre os mais variados estudos sobre a constituição da identidade, e outros, todos na perspectiva dos estudos de Bakhtin. Foi fantástico.

Poder trabalhar com Bakhtin e RuPaul em um trabalho importante como esse foi muito satisfatório. Mesmo conhecendo toda a vida de RuPaul, seus discursos e todas suas obras, foi algo novo para mim, pois estava analisando uma de suas obras sob os estudos linguísticos, foi inovador para mim. Um trabalho desafiador.

Pude ter a liberdade de trabalhar com um tema que me desperta interesse, não deixando que eu perdesse a vontade de seguir pesquisando e desistir, afinal, desistir estava fora de cogitação. Aprendi muitas coisas com o livro de RuPaul, identifiquei-me com muitas de suas histórias e vi que realmente não devo levar a vida tão a sério como disse o professor Pannell ao menino Ru. Não devo me importar com comentários negativos e tenho que me libertar do que me leva para baixo. RuPaul é um real guru.

Tive a sorte de poder aplicar no meu trabalho todas as cores que eu quisesse, afinal estamos no mês do Orgulho Gay e eu não vou deixar de exaltar a beleza e o orgulho de ser quem eu sou, esse trabalho faz parte de mim, é a minha imagem refletida nele.

Espero que minha vida seja repleta de encontros com pessoas maravilhosas, que eu seja alterado por elas numa escuta responsiva e continue a crescer espiritualmente e profissionalmente, sendo um sujeito crítico que pensa o mundo.

6 REFERÊNCIAS

- ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. 2010.
- AMANAJÁS, Igor. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. Revista Belas Artes, São Paulo, n. 16, set-dez/2014. Disponível em: Acesso em 27/02/2019
- BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoievski. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981
- BAKHTIN, M.M. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem/ Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov). 13ª. ed. – São Paulo: Hucitec, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Estética da criação verbal/ Mikhail Mikhailovitch Bakhtin; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução do pensamento russo Paulo Bezerra. – 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. Problemas da Poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARROS, Luiz M. M. de; BITTENCOURT, Terezinha. Pessoas do discurso e pronomes possessivos. Caderno de Letras da UFF – GLC, nº27, 2003.
- BAUSUM, Ann. Stonewall: Breaking Out In The Fight For Gay Rights - Viking Usa, 2015.
- FIORIN, José Luiz. A carnavalização. In. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.
- GADELHA, Juliano. Drag-queens: 0 que são elas? Disponível em: <http://www.lebafon.com/muitofranca.php?mostrar;comentarios&id;cOOd6dbcda>. Acessado em 25/05/2019.
- GEGe. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. Palavras e contrapalavras: Glosariando conceitos, categorias e noções de Bkhtin. São Carlos: Pedro&João Editores, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. Texto e discurso. In: GERALDI, João Wanderley. Ancoragens: estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- MIOTELLO, V.; MOURA, m. I. Pensando questões sobre a alteridade e a identidade. In: MIOTELLO, V.; SCHERMA; C. C.; TURATI, C. (Org). Palavras e contrapalavras. Circulando pensares do Círculo de Bakhtin. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

MIOTELLO, Valdemir. Por uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida. São Carlos: Pedro&João Editores, 2018.

MOREIRA, Ana Paula Ribeiro. A “questão do negro”: uma análise da segregação racial a partir de Gunnar Myrdal. IV Encontro Nacional e X Fórum Estado, Capital, Trabalho – UFS. – São Cristóvão, 2017.

MOURA, M. I.; MIOTELLO, V. A escuta da palavra alheia. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA, R. A. (Orgs.). Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PAVEGLIO, Lucas Barbosa. Se você não consegue amar a si mesmo, como vai amar outra pessoa? Disponível em: <https://rupaulbrs.blogspot.com/2019/05/se-voce-nao-consegue-amar-si-mes>. Acessado em 26/05/2019.

RUPAUL. Arrase! : o guia de RuPaul para a vida, a liberdade e a busca por estilo/ RuPaul; tradução Santiago Nazarin. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

RUPAUL (Junho de 1995). Lettin' It All Hang Out: An Autobiography. [S.l.]: Hyperion Books. ISBN 0-7868-6156-8

SANTAELLA, Lucia. Leitura de imagens. 1ª ed., 2ª imp. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

Thpanorama - Torne-se melhor hoje. As 55 melhores frases de Lady Gaga. Disponível em: <https://pt.thpanorama.com/blog/superacion-personal/las-55-mejores-frases-de-lady-gaga.html>. Acessado em 07/06/2019.

TORRES, Ana Raquel Rosas, et al. (orgs.). Psicologia social: temas e teorias – Brasília: Technopolitik, 2013.

TREVISAN, J. S. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VENCATO, Anna Paula. Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2002.